

Plano de Evangelização



10ª Assembleia
Pastoral Arquidiocesana
Arquidiocese de Manaus

INTRODUÇÃO

Louvo e agradeço a Deus pela nossa Igreja de Manaus a qual, indignamente sirvo. Somos uma igreja que tem a coragem de ouvir o que o Espírito lhe comunica, através da fala do Povo de Deus. Nem sempre temos as respostas certas aos desafios que surgem no caminho, mas procuramos responder a eles com criatividade e disponibilidade, sabendo que as sementes lançadas à terra darão frutos.

Vivemos um caminho sinodal na preparação e execução da nossa X APA. Crescemos em comunhão e participação. Infelizmente nem todos entendem a importância de participar ativamente de todo o processo. Espero que se deixem envolver, no momento em que vamos colocar em prática o nosso Plano de Evangelização. É ele que torna a nossa Igreja uma igreja em saída e evita que sejamos simplesmente mantenedores de estruturas, que correm o sério risco de se tornarem caducas.

O Plano oferece um norte para a nossa ação missionária, que para ser autêntica deve ser sempre feita em comunhão afetiva e efetiva com a Igreja. A nossa Igreja vive uma sadia pluralidade, mas se tudo é permitido, nem tudo é conveniente. Para nós, deve ser claro que as comunidades são a espinha dorsal de nossa Igreja e que vem antes de todas as outras expressões. As devoções são importantes, mas nunca deveriam diminuir o empenho de celebrarmos o Mistério Pascal na liturgia eucarística e da palavra em comunidades de vida e fé. Não podemos abandonar o primado da verdade, sobretudo nas questões morais e financeiras. E finalmente, se somos a Igreja de Jesus Cristo, temos que viver a caridade como cristãos e como Instituição.

Estas convicções estão na base do Plano de Pastoral que temos em mãos. Seguir o plano não é facultativo. Qualquer realidade eclesial da Arquidiocese, se quiser permanecer em comunhão, deve confrontar a sua vida e missão com ele. Que sejamos sucessores dignos de nossos antepassados, que nos legaram uma igreja tão vibrante e comprometida com o Evangelho. Na nossa fraqueza, queremos dar tudo pelo Reino, que já está entre nós.

† Sergio Eduardo Castriani
ARCEBISPO METROPOLITANO

I. PARTE – A IGREJA DE MANAUS CAMINHA E ESCUTA

“Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão...” (Mt 9,36)

Ao nos debruçarmos sobre nossa atuação evangelizadora avaliando nossos últimos compromissos pastorais, percebemos desafios latentes que se apresentam como apelos da realidade para serem assumidos neste novo Plano de Evangelização. Neste processo de escuta que foi a 10ª APA, destacamos alguns destes elementos da realidade que reclamam de nós uma resposta pastoral e de serviço.

Vivemos um tempo de profundas mudanças e percebemos o peso que este contexto de transformações impõe sobre a **realidade das famílias**. A mudança dos comportamentos tem implicado na formação dos modelos familiares. Carecemos de discernimento e percebemos que nossas propostas pastorais não atendem de modo suficiente esta demanda. Evidentemente nos pautamos pela verdade sobre a família à luz do Plano de Deus, com relações familiares sólidas alicerçadas no Sacramento do Matrimônio, mas não podemos deixar de reconhecer que é sobre a família que recai todo o peso de uma sociedade desigual com todo tipo de ameaças no campo social e cultural. Inspira-nos neste olhar a clareza e a misericórdia apresentadas na Exortação Apostólica Pós Sinodal *Amoris Letitia* (sobre o amor na família)!

Dentro deste contexto social e familiar, particular preocupação emerge com a **juventude**. Hoje falamos de **juventudes**. Este fascinante e complexo horizonte juvenil é para nós motivo de alegria e de preocupação. Alegra-nos ver nossas comunidades permeadas por um protagonismo dos jovens. Este mesmo protagonismo é percebido em outras instâncias da vida social, da política, do mundo do trabalho, da educação, da cultura, etc. Mas é igualmente larga a faixa dos que estão à margem sem oportunidades e sem esperanças. A diversidade juvenil tem gerado uma diversidade de respostas pastorais. Buscamos meios para

articular estas respostas. Orienta-nos a proposta da CNBB por meio do Documento 85: Evangelização da juventude.

Ao considerarmos os espaços onde a atuação evangelizadora ainda exige uma presença mais incisiva, constatamos, ao refletir sobre as Regiões Episcopais a **expansão demográfica** da cidade. As **periferias e o interior** continuam sendo um grande apelo para nossa presença missionária e partilha de nossos recursos. O atendimento das comunidades rurais e ribeirinhas exigem presença ministerial e modalidades diferenciadas de atendimento pastoral e de programas de formação. Isto sem falar nos novos areópagos da **comunicação**, dos **condomínios** e **novos conjuntos habitacionais** que continuam nos desafiando!

Neste olhar e nesta escuta que se estende para além dos espaços das nossas comunidades acolhemos o que está acontecendo nas ruas. Existe uma “cidade” que imediatamente salta diante de nossos olhos e uma “cidade que não se vê”!

Os ecos da Carta Encíclica *Laudato Si'* (sobre o cuidado da casa comum) através dos inúmeros seminários e mecanismos de acolhida, bem como nossa atenção nos processos de escuta do Sínodo para Amazônia nos ajudaram a um olhar mais atencioso desta **realidade socioambiental** na perspectiva de uma **ecologia integral**. Já havíamos pontuado muitas vezes esta dimensão, mas não ainda com tanto compromisso e propriedade. Reconhecemos ser uma pauta que não pode ficar de fora do processo evangelizador, sobretudo em nossa realidade de metrópole e cidades amazônicas permeadas de fontes e nascentes, igarapés e rios, biodiversidade e exuberâncias naturais, populações tradicionais e modos de vida marcados pela harmonia com a criação. Tudo isto sob a contemplação da beleza e a sombra da ameaça!

A última Campanha da Fraternidade: “Fraternidade e superação da **violência**” (CF 2018) nos fez perceber que este dinamismo é complexo e estrutural. Não se trata apenas de algumas questões pontuais, mas de um sistema perverso que permeia ideias, atitudes e até sistemas políticos e econômicos. O que imediatamente constatamos diz respeito à violência contra a mulher, a criança, os adolescentes e a pessoa idosa; exploração

sexual, tráfico de pessoas e o trabalho escravo. A visibilidade deste clima de violência é perceptível diante do alarmante número de homicídios.

O **contexto político** no qual se desenvolveu todo o processo da 10ª APA moldou um cenário de polarização, abandono de convicções, desilusão nas instâncias de participação. A insatisfação com as práticas de corrupção, o descrédito nos poderes do Estado, a ausência de propostas convincentes no cenário local e nacional geraram a reconhecida “onda do novo” que culminou com opções eleitorais mais de apostas do que de construção de processos. Assistimos a fragilização dos esforços diante das escolas de fé e cidadania, dos conselhos de participação, das forças da sociedade organizada. Oscilamos entre a euforia e desilusão. Nossa fé em Jesus e no Reino, nos convoca a prosseguir nesta articulação Fé e Vida, na retomada do diálogo, no recomeço do caminho da formação política à luz da Doutrina Social da Igreja.

São as pessoas, sobretudo, que despertam a compaixão da Igreja. Nos corredores da pobreza estampada e, às vezes, velada das nossas cidades estão as fileiras de **marginalizados** que não podem ser deixados de lado pela nossa ação evangelizadora: populações de **encarcerados** e suas famílias desamparadas; as **populações de rua** desassistidas por qualquer iniciativa social e ou governamental; os **indígenas** escondidos e, por vezes perdidos, neste mundo urbano; os **migrantes** que chegam cada vez mais numerosos e cada vez mais empobrecidos em nossa capital. As dores e os clamores destas populações interpelam a Igreja de Manaus.

Se voltarmos nosso olhar para a **vida de nossas comunidades eclesiais** e dos movimentos, comunidades de vida, pastorais, serviços, organismos e ministérios presentes em nossa Arquidiocese, reconhecemos que o caminho traçado ao longo das Assembleias Diocesanas e particularmente da IX APA construiu alguns avanços e por isso mesmo devem ser prosseguidos. Formar o povo de Deus, numa pedagogia catecumenal à luz da Iniciação à Vida Cristã; formar os agentes de evangelização, cristãos leigos e leigas para atuação na comunidade e na sociedade; formar as comunidades numa perspectiva da comunhão e da pastoral de conjunto, considerando o diálogo ecumênico e com as outras religiões, perpassados por uma fé bíblica alimentada e animada pela Palavra são tarefas irrenunciáveis no processo evangelizador.

Estas constatações foram bem mais um olhar a partir da Igreja do que um olhar a partir das cidades que compõem a nossa Arquidiocese. Mas nos desafios que foram destacados, podemos perceber como estamos compreendendo nossa realidade. Aparentemente não emergem muitas novidades. Pode ser um sinal que a realidade mais do que ter entrado em grandes transformações, pode ter agravado situações que já existiam.

II. PARTE – A IGREJA DE MANAUS SE EDIFICA

“As Igrejas cresçam na fé...” (At 16,5)

01. PARTIR DE JESUS CRISTO

Servimo-nos aqui do **I Capítulo das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (4-7)**.

A Igreja vive de Cristo

Jesus Cristo é a fonte de tudo o que a Igreja é e de tudo o que ela crê. Em sua missão evangelizadora, ela não comunica a si mesma, mas o Evangelho, a palavra e a presença transformadora de Jesus, na realidade em que se encontra. Ela é a comunidade dos discípulos missionários, que respondem permanentemente à **pergunta decisiva: quem é Jesus Cristo?** (Mc 8,27-29). O fundamento do discipulado missionário é a contemplação de Jesus Cristo. Como afirma o Papa Francisco, “a melhor motivação para se decidir comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração”. Na comunhão eclesial, eles experimentam o fascínio que faz arder seus corações (Lc 24,32), e os leva a tudo deixar (Lc 5,8-11) e a viver um amor incondicional a Ele (Jo 21,9-17). **A paixão por Jesus Cristo os leva à verdadeira conversão pessoal e pastoral** (Lc 24,47; At 2,36ss).

A Igreja, fiel a Jesus Cristo, coloca-se a serviço do **Reino de Deus**. Os evangelhos apresentam o Reino como o centro da vida e da pregação de Jesus. “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Afirmar que o Reino de Deus está próximo é anunciar que Deus mesmo está próximo. Seu reinado significa sua atuação salvadora e sua proximidade paterna e misericordiosa para com todos, especialmente para com os *pobres*, marginalizados e sofredores de todo tipo. Por isso, a pregação e a conduta de Jesus suscitaram surpresa, fascínio e entusiasmo, mas despertaram também suspeitas, fechamento, escândalo e ódio. **O Reino de Deus não é apenas a mensagem de Jesus. Ele mesmo é a chegada desse Reino**. Sua mensagem e sua pessoa são inseparáveis. Nele, o Reino é dado gratuitamente (Mt 21,34; Lc 12,32), é deixado em herança (Mt 25,34; Lc 22,29). Cabe ao discípulo acolhe-lo por meio da conversão e da fé (Mc 1,15).

A experiência do encontro transformador com Jesus Cristo insere seus discípulos na comunhão com a *Santíssima Trindade* e lhes comunica **a missão de anunciar o Reino de Deus**, com palavras e sinais. A Igreja existe no mundo como obra das três Pessoas divinas, é povo de Deus (em relação ao Pai), corpo e esposa de Cristo (em relação ao Filho) e templo vivo (em relação ao *Espírito Santo*). Ela é “o povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do *Espírito Santo*”. Como comunhão (*koinonia*) divino-humana ela “constitui na terra o germe e o início do Reino”, pois Jesus a iniciou “pregando a boa nova”, que é a chegada do Reino de Deus. E, desse modo, ela é no mundo sacramento de salvação, como afirmou o Concílio Vaticano II: Jesus Cristo, “ao ressuscitar dentre os mortos (Rm 6,9), comunicou seu Espírito vivificante, por meio do qual constituiu seu corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação”.

02. “VÓS SOIS O SAL DA TERRA, VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO”: SUJEITOS ECLESIAIS - IDENTIDADE DOS SEGUIDORES DE JESUS

No texto do Evangelho de Mateus (5,13-16), Jesus define com duas imagens atraentes a identidade dos seus seguidores. Serão **o sal** de que a terra necessita e **a luz** que o mundo precisa. Ser sal e luz é estar presente como diferença, fazendo a diferença, operando a diferença. Não basta ser sal e luz, é preciso atuar como sal e luz. O que conta é o serviço: de nada adianta ser sal e ser luz sem salgar e iluminar: se o sal se torna insosso só serve para ser jogado fora! Ser sal e luz é o mesmo que ser discípulos.

Vós sois o sal da terra – o sal dá sabor, purifica, não deixa apodrecer. Os discípulos de Jesus podem introduzir na humanidade força para dar sabor à vida, purificar o que foi estragado e preservar da corrupção. A vocação dos discípulos é magnífica, mas pode deteriorar-se. Jesus se preocupa com a possibilidade dos seus seguidores perderem sua identidade, se isto acontece, sua presença no mundo já não servirá para mais nada, não introduz a força libertadora, humanizadora e salvadora da pessoa de Jesus e do seu projeto do Reino de Deus.

Vós sois a luz do mundo – as pessoas precisam desta luz que os seguidores de Jesus podem lhes proporcionar para não andarem nas trevas, para orientar-se, para caminhar com esperança. Esta luz vem de

Jesus, ele mesmo se apresenta: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12). Os discípulos são testemunhas que comunicam a luz que recebem de Jesus. Nada deve ocultar ou impedir que esta luz brilhe e ilumine. É absurdo escondê-la! Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de um balde.

“Brilhe a vossa luz”, a luz das obras boas, mais do que das grandes ideias, doutrinas sublimes ou até mesmo ideologias. Demonstrar que é possível o amor e a compaixão. Ser profetas, sobretudo com fatos. Nisto aparecerá a glória do Pai!

Ser sal e luz é também ser sujeito na missão partilhada na Igreja. O número 119 do documento sobre os Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade (CNBB) assim descreve o discípulo de Jesus:

*“O cristão leigo é verdadeiro **sujeito eclesial** mediante sua dignidade de batizado, vivendo sua condição de filho de Deus na fé, aberto ao diálogo, à colaboração e a corresponsabilidade com os pastores. Como sujeito eclesial, assume seus direitos e deveres na Igreja, sem cair no fechamento ou na indiferença, sem submissão servil nem contestação ideológica. Ser sujeito eclesial significa ser maduro na fé, testemunhar amor à Igreja, servir os irmãos e irmãs, permanecer no seguimento de Jesus, na escuta obediente à inspiração do Espírito Santo e ter coragem, criatividade e ousadia para dar testemunho de Cristo”.*

O que se afirma para todo agente de evangelização vale, portanto e com muita propriedade, para os cristãos leigos e leigas, grande força da nossa Arquidiocese.

03. IGREJA DE MANAUS: UMA IGREJA EM SAÍDA

Já refletimos em outras ocasiões e julgamos oportuno retomar como o rosto de uma Igreja em saída, propostas pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (sobre o anúncio do Evangelho), aparece nas expressões da Igreja de Manaus. Trata-se daquelas notas de identidade apresentadas pelo Arcebispo na carta de Convocação da 10ª APA, ao referir-se a Homilia do Papa Francisco um dia após a sua eleição: *“Eu desejo a todos nós, que o Espírito Santo, pela oração de Nossa Senhora, nossa Mãe, nos conceda esta graça: **caminhar, edificar, confessar** Cristo Crucificado”*.

- **Uma Igreja que caminha e que escuta:** a identidade da Igreja é de ser peregrina. Faz da história o seu chão, realiza-se em um lugar promovendo o encontro da fé com a cultura. Neste sentido a Igreja que está na Amazônia conhece e respeita o ritmo de seu povo, oferece-lhe um rumo. Seu horizonte não é o centro, mas as periferias, geográficas e humanas. A APA é um convite para nos darmos conta da imensidão desta Arquidiocese, das comunidades que estão situadas nos lugares mais distantes, bem como das pessoas que não são alcançadas pelo anúncio da Boa Notícia de Jesus, os descartados em uma sociedade de consumo.

- **Uma Igreja que edifica formando verdadeiras comunidades** – A concepção de **comunidade de comunidades**, destacada no documento 100 da CNBB, manifesta a grande força de nossa experiência eclesial: a vida das comunidades, a vida em comunidade. São numerosas em nossa Arquidiocese, passam de mil! Algumas com mais vigor, outras atravessam o desafio de se firmar. Estas comunidades se solidificam na medida em que assumem os desafios e necessidades das pessoas. Celebram a fé em Jesus Cristo e se alimentam da Eucaristia e da Palavra de Deus; organizam-se em serviços e ministérios. Nela os batizados encontram o caminho no seguimento de Jesus. Assim vão se formando como verdadeiras comunidades.

- **Uma Igreja que dá testemunho de sua fé com postura ética e profética** – O testemunho é fundamental para a credibilidade da fé. Em tempos de crise de conceitos, escassez de modelos, a proposta cristã não

pode ser reduzida a uma proposta teórica ou conceitual, ela é uma experiência na qual as pessoas podem acreditar, que lhes alimenta a esperança. A profecia alimenta a esperança das pessoas. A força da profecia se manifesta no testemunho, na postura que a Igreja assume diante de seu povo. A clareza das exigências do Reino não nos permite compactuar com toda forma de ameaça à dignidade humana, com toda violência contra a vida, com todo projeto de poder que esmaga o direito das diversas camadas da população, especialmente os pobres.

- **Uma Igreja sinodal** – É verdade que em sua estrutura a Igreja é hierárquica, mas em sua realização como peregrina ela é sinodal. A palavra *sínodo* quer dizer “caminhar juntos” ou “ter o mesmo caminho”. A APA é uma grande expressão desta sinodalidade, mas não é o único. Os organismos de participação, conselhos comunitários, conselhos de pastoral das paróquias e áreas missionárias, equipes de administração, coordenações, articulação entre pastorais, serviços e movimentos, acolhida de novos carismas e inspirações, tudo faz parte desta diversidade enriquecedora da Igreja. Quando estas diversas forças se colocam sob o dinamismo do Espírito, caminhamos juntos com mais segurança e firmeza. É o modo de viver a comunhão e participação.

04. O SÍNODO PARA AMAZÔNIA E A ARQUIDIOCESE DE MANAUS

A 10ª Assembleia Pastoral Arquidiocesana é celebrada no tempo do Sínodo para a Amazônia, especificamente, na sua fase preparatória e de fato este tema não poderia ser ignorado.

A realidade do chão onde está nossa Igreja é marcada pela diversidade: diversidade da população, diversidade das forças eclesiais e biodiversidade! O rosto da Igreja é formado a partir deste mosaico tão rico e desafiador! Neste desafio está a tarefa da comunhão eclesial e a tarefa do cuidado com a casa comum. A responsabilidade pelo meio ambiente é decorrência natural da fé cristã num Deus Uno e Trino, e não algo opcional. Pensando nisso, o Sínodo para a Amazônia lança duas perspectivas: a primeira propõe novos caminhos para a Igreja e a segunda, uma ecologia integral.

Temos à nossa frente um Sínodo para a Amazônia, porém mais do que isso reconhecemos que faz parte de nossa identidade de Igreja a sinodalidade como modo de viver e agir do povo de Deus. Esta sinodalidade tem sua fonte na identidade do próprio Deus Trindade e está a serviço da missão. É este modelo de relação trinitária que nos impele a uma Ecologia Integral e às relações interpessoais pautadas pela liberdade e autonomia.

Em síntese, podemos afirmar que a sinodalidade como uma maneira de ser e agir da Igreja, a ecologia integral como cuidado consigo, com os outros e com a criação e, finalmente a vida da pessoa que crê como o caminho da construção de uma identidade humana e cristã, são três aspectos distintos, mas profundamente interligados e em mútua correlação. Tudo está interligado.

III. PARTE – A IGREJA DE MANAUS DÁ TESTEMUNHO

“Entre eles ninguém passava necessidade...” (At 4,34)

Retomando aquelas ideias sobre a Igreja tratadas anteriormente e considerando as urgências da evangelização conforme as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, apresentamos a seguir as decisões de atuação pastoral do nosso Plano de Evangelização.

Num primeiro momento consideramos aquelas ações evangelizadoras que já fazem parte do dinamismo eclesial e que, portanto, são apresentadas como o prosseguimento de um caminho que já vinha sendo trilhado desde a 9ª Assembleia Arquidiocesana. Num segundo momento são elencados os desafios que foram assumidos e as respectivas pistas de ação de como atuar diante dos mesmos.

Uma Igreja que se edifica formando verdadeiras comunidades

Nela os batizados encontram o caminho no seguimento de Jesus.

Já acenamos que o documento 100 da CNBB, sobre a convicção da Paróquia como **comunidade de comunidades**, constitui uma das urgências da Evangelização. Também reconhecemos a comunidade como a Casa da Iniciação Cristã e a Casa da Palavra. É urgente na Evangelização que se retome o processo de **Iniciação à Vida Cristã**, o que na verdade já estamos fazendo. Também é necessário que retomemos a inspiração da Palavra, a **animação bíblica da vida e da pastoral**. Neste sentido um caminho perene na vida eclesial é o da formação: formação dos cristãos batizados, formação dos agentes de evangelização, formação da vida comunitária.

Mais do que indicar vários desafios, reconhecemos diante destas exigências da evangelização prosseguir o seguinte caminho:

ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

- 1. Promover Formação Bíblica, escolas Bíblicas**
- 2. Valorizar CEFAM/ITEPES**
- 3. Incentivar a Leitura Orante**
- 4. Elaborar material específico**
- 5. Implantar Grupos de reflexão Bíblica**

FORMAÇÃO DOS CRISTÃOS BATIZADOS:

Prosseguir a Implantação do Caminho de INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ

- 1. Incluir o processo de animação vocacional: Fortalecer a Pastoral Vocacional**
- 2. Envolver Catequese do ventre materno – Pastoral da Criança**
- 3. Articular Iniciação Cristã e cultura da paz**
- 4. Incluir a conversão ecológica integral (Laudato Si')**

FORMAÇÃO DOS AGENTES DE EVANGELIZAÇÃO:

Cuidado e formação permanente do Laicato

- 1. Cuidar dos membros da comunidade**
- 2. Formar para vida comunitária – definir linhas e diretrizes para formação do laicato em toda Arquidiocese com estratégias para especificidade do interior**
- 3. Articular ITEPES – CEFAM – FSDB - Livrarias Católicas**
- 4. Formar para o serviço à vida**
- 5. Incentivar maior engajamento com Pastorais Sociais.**
- 6. Promover a qualificação contínua de artistas católicos**

FORMAÇÃO DA VIDA COMUNITÁRIA

Renovação das comunidades

- 1. Fomentar a Pastoral de Conjunto**
- 2. Criar novas Paróquias Ribeirinhas**
- 3. Estimular o caixa comum**
- 4. Priorizar Pastoral do Dízimo, em vez de eventos de captação (bingos, rifas, vendas...)**
- 5. Incentivar a relação de Paróquias Irmãs**
- 6. Desenvolver nas comunidades ações pastorais voltadas para o serviço à vida**
- 7. Formar lideranças para o horizonte da rede de comunidades**
- 8. Continuar estudando Doc. 100 CNBB**

DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER RELIGIOSO

- 1. Conhecer o CONIC e documentos sobre ecumenismo**
- 2. Incentivar a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos**
- 3. Implantar a Comissão para o Diálogo Ecumênico e Inter Religioso**
- 4. Discutir a temática no processo do IVC**
- 5. Mapear os atores envolvidos no diálogo**
- 6. Assumir compromissos comuns na superação da violência**

Uma Igreja que caminha e que escuta:

Seu horizonte não é o centro, mas as periferias, geográficas e humanas.

Já afirmamos anteriormente nossa preocupação missionária com as comunidades que estão situadas nos lugares mais distantes, bem como das pessoas que não são alcançadas pelo anúncio da Boa Notícia de Jesus. Com esta preocupação de alcançar pessoas e lugares, temos consciência da **urgência do estado permanente de Missão**.

EVANGELIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Considerando as novas situações familiares e a questão de gênero; os católicos afastados, as mídias e novas comunicações e, a evangelização dos condomínios e novos conjuntos habitacionais.

- 1. Fortalecer a Pastoral Familiar e Implantá-la em todas as Paróquias e Áreas Missionárias, integrando as pastorais e os movimentos, redirecionando-a para as novas configurações familiares.**
- 2. Proporcionar formação e esclarecimento sobre a questão de gênero, afetividade e sexualidade, por meio de especialistas cristãos católicos (médicos, psicólogos, teólogos, assistentes sociais etc.).**
- 3. Incentivar visitas periódicas às famílias, contando com materiais específicos.**
- 4. Formar núcleos e grupos de casais para formação e animação com as famílias da comunidade.**
- 5. Qualificar agentes específicos para a pastoral da escuta.**

PRESENÇA MISSIONÁRIA NO INTERIOR E NAS PERIFERIAS

1. **Criar fundo missionário arquidiocesano para dinamizar as ações missionárias, oferecendo apoio estrutural e financeiro às comunidades com dificuldades.**
2. **Promover equipes missionárias com presbíteros, diáconos, religiosos(as), leigos(as) e ministros da palavra para atuar no interior e nas periferias:**
 - resgatar o projeto “Comunidades Irmãs”;
 - promover a formação integral de modo descentralizado por meio das várias modalidades (EAD, Modulares, App, etc.) com apoio do ITEPES e COMIPAS, principalmente dos ministérios dos cristãos leigos e leigas e, do diaconato permanente.
3. **Celebrar o Ano Missionário na Arquidiocese de Manaus, incentivando a criação dos COMIPAS**

EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE

Considerando a Evangelização da Comunidade Acadêmica

1. **Fortalecer o Setor Juventude de acordo com o Documento 85 - CNBB:**
 - Formar agentes que trabalham com a juventude e lideranças juvenis;
 - Envolver a juventude nas ações missionárias e nas questões sociais e políticas articulando a espiritualidade encarnada;
 - Implementar uma cultura e estruturas de acompanhamento juvenil e, ao mesmo tempo, acolher e oferecer espaços físicos e digitais nas comunidades;
 - Construir Plano de ação com eixos comuns para as juventudes da Amazônia, como exemplo, um eixo inspirado no Sínodo da Juventude; pra trabalhar leitura bíblica a partir do chão da Amazônia; jovens evangelizando jovens.
 - Criar de aplicativo para a juventude;
 - Trabalhar as expressões juvenis a partir das rodas de conversas.
2. **Fortalecer da Pastoral Universitária**

Uma Igreja que dá testemunho de sua fé com postura ética e profética

A força da profecia se manifesta no testemunho, na postura que a Igreja assume diante de seu povo

O **serviço à vida plena para todos** é a urgência da Evangelização que assumimos nesta atuação de Igreja. Aqui os desafios se multiplicam, as exigências do Reino nos interpelam. É aqui que nossa presença de sal e luz faz diferença. Ser sal e luz é estar presente como diferença, fazendo a diferença, operando a diferença. Não basta ser sal e luz, é preciso atuar como sal e luz. O que conta é o serviço: de nada adianta ser sal e ser luz sem salgar e iluminar: se o sal se torna insosso só serve para ser jogado fora (cf. Mt 5,13)!

ECOLOGIA INTEGRAL

- 1. Criar Comissão Arquidiocesana de Ecologia Integral, constituída com especialistas de diversas áreas do saber para discutir com instâncias políticas e órgãos de direitos as questões socioambientais, integrada à Cáritas Arquidiocesana e à Rede Eclesial Pan Amazônica, com atuação à luz da Laudato Si'.**
- 2. Promover a cultura do cuidado por meio de uma pastoral da Ecologia Integral através de processos de conscientização e educação ambiental, que perpassem nos diversos ambientes eclesiais:**
 - Acompanhar o cuidado com as nascentes (igarapés), ampliando os projetos ambientais existentes;
 - Cuidar dos jardins e árvores nos espaços comunitários;
 - Fomentar as ações ambientais, como: reciclagem, não uso de descartáveis, evitar queimadas, instalar pontos de coleta seletiva para que solidifique as práticas ambientais.
- 3. Utilizar os meios de comunicação (Rádio Rio Mar, Rádio Castanho e Revista da Arquidiocese) para difundir a conscientização ecológica.**

SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Contra mulher, criança, adolescentes e pessoa idosa, exploração sexual, tráfico de pessoas, trabalho escravo e drogadição .

- 1. Trabalhar a prevenção das violência em seus vários âmbitos por meio de palestras, debates, rodas de conversa, com parceria nas escolas, famílias, universidades, Rede Um Grito pela Vida, Campanha da Pastoral da Juventude de Enfrentamento aos ciclos de violência contra a Mulher, Grupo Esperança Viva, pastorais sociais com atuação junto às comunidades nas paróquias e áreas missionárias.**
- 2. Mapear experiências bem-sucedidas na superação da violência e dar visibilidade às mesmas, servindo como estímulo para outros casos, aproveitando os instrumentos já existentes na arquidiocese.**
- 3. Incidir politicamente nos espaços de construção de Políticas Públicas para os sujeitos envolvidos na violência (Conselho, fóruns, movimentos).**
- 4. Formar lideranças, fortalecer as ações já em andamento, produzir subsídios (cartilhas) para trabalhar os temas desafiadores (bulling, drogadição, violência), especialmente através da Pastoral da Catequese.**

POLÍTICA E CIDADANIA

1. **Retomar as Escolas de Fé e Cidadania a partir de uma equipe arquidiocesana de formadores para suporte às escolas e elaboração de subsídios a partir da realidade local.**
2. **Criar uma comissão arquidiocesana com pessoas que tenham conhecimento para acompanhar as atividades dos poderes legislativos municipal e estadual, bem como os organismos de controle dessas instâncias (ministério público, controladoria geral da união etc.).**
3. **Promover os espaços de diálogo entre pastorais à luz da doutrina social da Igreja (seminários, fóruns, debates etc.).**
4. **Incluir as questões sociais na Programação da Rede Rádio Rio Mar de Comunicação (Rádio Rio Mar, Rádio Castanho e Arquidiocese em Notícia).**
5. **Fortalecer a Cáritas Arquidiocesana e implantar as Cáritas Paroquiais.**

MIGRANTES E INDÍGENAS

1. **Criar núcleos de acolhidas nas Paróquias e Áreas Missionárias.**
2. **Fortalecer o diálogo com a Pastoral do Migrante para realizar cursos de formação profissional do migrante, dar ênfase à celebração do dia e da semana nacional do migrante e, mapear as iniciativas de trabalho com migrantes e indígenas dando visibilidade a esses trabalhos e fomentando os mesmos.**
3. **Criar núcleo de acolhimento do migrante por Região Episcopal .**
4. **Acompanhar a publicação e execução do Plano Estadual da Atenção aos Migrantes.**
5. **Identificar indígenas nas Paróquias e Áreas, acolhendo-os e inserindo-os na vida pastoral e, fortalecer a Pastoral Indigenista.**

IV. PARTE – A IGREJA DE MANAUS: UMA IGREJA SINODAL

“... sede bem unidos no sentir e no pensar.” (1Cor 1,10)

Outras deliberações da Assembleia Arquidiocesana destacam a sinodalidade e comunhão vividas em nossa Arquidiocese. Aqui consta o núcleo destas deliberações, posteriormente regulamentadas ou apresentadas em subsídios próprios:

01. REGIÕES EPISCOPAIS

A 10ª Assembleia Pastoral Arquidiocesana aprovou a organização da Arquidiocese em Regiões Episcopais, após um processo de um ano de reflexão, consulta às bases e acolhendo o parecer das próprias áreas envolvidas. Esta deliberação em Assembleia foi precedida por um encontro ocorrido no dia 29 de setembro de 2018 pelos próprios Setores da Arquidiocese agrupados segundo a proposta da Instalação das Regiões.

Um documento próprio, conforme a indicações do Instrumento de Trabalho da Assembleia Pastoral Arquidiocesana, apresentará os detalhes da Instalação das Regiões Episcopais. Da deliberação aprovada, ficam instituídas as Regiões Episcopais, com seus respectivos vigários e abrangências, a saber:

I. Região Episcopal Nossa Senhora dos Remédios

Vigário Episcopal: Monsenhor José Carlos Sabino

Abrange os **Setores:** Centro Histórico, Parque Dez, Avenida Brasil, Alvorada, Rio Negro – corresponde a Zona Centro e Oeste da Capital com os Municípios que fazem acesso pela Ponte do Rio Negro.

II. Região Episcopal Nossa Senhora dos Navegantes

Vigário Episcopal: Dom Edmilson Tadeu Canavarros

Abrange os Setores: Santa Rita de Cássia, Maria Mãe da Igreja, São José Leste, Dom Luiz Soares, Rio Solimões – corresponde as Zonas Centro Sul e Leste da Capital e os Municípios cujo acesso se faz pela CEASA.

III. Região Episcopal Nossa Senhora Aparecida

Vigário Episcopal: Dom José Albuquerque de Araújo

Abrange os Setores: Pe. Pedro Vignola, Pe. Rogério Ruvoletto, Rios e Cachoeiras – corresponde à Zona Norte da Cidade e os Municípios cujo acesso se faz pela Torquato Tapajós (AM 010 e BR 174).

As Regiões Episcopais serão avaliadas na próxima Assembleia Pastoral Arquidiocesana.

02. AÇÃO EVANGELIZADORA: “CADA COMUNIDADE UMA NOVA VOCAÇÃO”

A 10ª Assembleia Pastoral Arquidiocesana aprovou a implantação em toda a Arquidiocese, sob forma de projeto pastoral, uma ação evangelizadora que se já acontece em diversas Dioceses do Brasil a partir do Regional Sul 2 da CNBB, de Animação Vocacional em todas as comunidades por meio das seguintes ações:

- Oração pelas vocações
- Comunicação e testemunhos vocacionais

Um subsídio Pastoral vai orientar cada passo desta ação evangelizadora.

03. REVISÃO DO SISTEMA DE ADMINISTRAÇÃO DA ARQUIDIOCESE - SISARQ

A 10ª Assembleia Pastoral Arquidiocesana aprovou um encaminhamento para que o Conselho Presbiteral da Arquidiocese nomeie uma Comissão para avaliação do Sistema de Administração da Arquidiocese – SISARQ, levando em contas algumas solicitações das comunidades eclesiais que pedem revisão dos percentuais de repasse bem como outras indicações do Sistema que não atendem as especificidades das comunidades.

04. REVISÃO DO DIRETÓRIO PASTORAL

Considerando a Instalação das regiões Episcopais, a 10ª Assembleia Pastoral Arquidiocesana aprovou um encaminhamento para que seja constituída uma Comissão de Revisão e Atualização do Diretório Pastoral, considerando também outros elementos pastorais que na estão sendo contemplados no Diretório vigente.

FINALIZANDO

Para o processo de aplicação do Plano de Evangelização, será fundamental a atuação do Conselho Arquidiocesano de Pastoral. Sobre isto transcrevemos as orientações do Arcebispo Metropolitano:

O Conselho Arquidiocesano de Pastoral tem como finalidade encaminhar e avaliar as atividades pastorais da Arquidiocese, especialmente as Diretrizes emanadas pelas Assembleias, e propor conclusões práticas sob a autoridade do Arcebispo. Constitui um organismo de reflexão, avaliação e animação da pastoral em vista de uma Pastoral de Conjunto. Podemos dizer que este Conselho é o coração pastoral da Arquidiocese. Isto exige de nós uma sintonia muito grande com o Espírito que move a nossa história e com a realidade concreta. Neste sentido precisamos de mais reflexão nas nossas reuniões. O problema é sempre o tempo. Mas o tempo pode ser muito bem aproveitado com uma boa preparação. Poderíamos revezar fazendo uma reunião de reflexão e outra de assuntos práticos, ou dedicar uma primeira parte da reunião para a reflexão e uma segunda para os assuntos práticos. É bom lembrar que para assuntos práticos temos a coordenação ampliada. O estudo e o

aprofundamento das razões de nossa fé e da nossa ação são incontornáveis. O nosso compromisso com o povo exige de nós estudo e reflexão.

Os desafios que a APA nos propõem necessitam de aprofundamento. A realidade familiar e juvenil são hoje realidades complexas. Se quisermos enfrentá-las precisamos conhecê-las. O mundo indígena precisa ser conhecido em profundidade para que possamos valorizar as suas culturas e tradições vencendo os estereótipos racistas. Também o fenômeno migratório traz em si muitas interrogações que necessitam de resposta. Já temos um longo caminho andado no que tange a reflexão sobre Ecologia Integral, política e cidadania e superação da violência, mas é sempre bom refazer itinerários e partilhar conhecimentos. A nossa presença missionária no interior e nas periferias vai depender do grau de convencimento que tivermos para que as pessoas vejam as periferias como lugar de salvação e de revelação. A APA deixou-nos pistas de ação pastoral para enfrentarmos os desafios, cabe a este Conselho animar as comunidades, áreas missionárias, paróquias, pastorais, movimentos, religiosos e religiosas, padres e bispos, seminaristas e todo o laicato a assumir algumas destas ações. O Conselho deve identificar as áreas geográficas e existenciais que não estão sendo atendidas e propor soluções. Um grande ganho metodológico ao método Ver, Julgar e Agir se juntou o Avaliar. A avaliação supõe caridade de quem avalia, verdade, coragem, humildade, capacidade de escuta. Não é fácil sermos avaliados justamente na ação pastoral que a maioria faz voluntariamente e todos por amor ao Reino dos Céus.

Estamos vivendo a nova realidade das Regiões Episcopais, o que torna este conselho mais importante ainda. Ele é fundamental para a manutenção da Unidade. Será o próprio conselho a determinar este caminho quando tomar decisões pastorais que valerão para todas as regiões ou quando decidir quais ações terão um melhor efeito deixando cada região seguir o seu próprio caminho.